

## A dramaturgia no Jornal Nacional: Um estudo dos elementos dramáticos na reportagem<sup>1</sup>

*Talita Lima Chechin Camacho ARREBOLA (UEL)*<sup>2</sup>

*Florentina das Neves SOUZA (UEL)*<sup>3</sup>

*Universidade Estadual de Londrina*

### RESUMO

O objetivo deste trabalho é identificar a presença de elementos da dramaturgia, termo cunhado por Iluska Coutinho, nas reportagens do *Jornal Nacional*. O recorte selecionou a semana de 27 de abril a 1º de maio de 2015, porém este estudo apresenta uma matéria como amostragem do drama, que segundo Coutinho é como uma “fábula”, entendida pela combinação de atos, falas dos repórteres, imagens e entrevistas. Na edição da reportagem o estudo constatou que as imagens e o texto utilizados dramatizam os acontecimentos, desta maneira é importante ressaltar que a reportagem analisada apresenta elementos da dramaturgia na busca do show e do espetáculo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação, Telejornalismo, Jornal Nacional; Dramaturgia.

### INTRODUÇÃO

O jornalismo se constrói a partir do conceito de relato dos fatos da atualidade. As notícias servem de elementos que abrem espaço para a abordagem dos diferentes assuntos que estão presentes nos veículos de comunicação. Para Ana Carolina Temer (2011), a comunicação apresenta algo mais do que somente informações sobre os aspectos necessários para a atuação do indivíduo enquanto cidadão, ela é o elemento alimentador do processo de interação social por meio da informação dos acontecimentos recentes.

O *Jornal Nacional*, para Heidi Vargas (2015), ocupa um lugar central na sociedade brasileira, como mediador dos fatos, para a construção social da realidade que vivemos. O programa é um lugar de referência, pois a informação é uma forma de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

<sup>2</sup> Graduanda em Comunicação Social – habilitação Jornalismo pela UEL e Licenciada em Educação Física pela UNOPAR. e-mail talita.arrebola@hotmail.com.

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Doutora e Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Professora do curso de Jornalismo e do Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina. e-mail: floranevessouza@gmail.com

conhecimento que pode balizar as atitudes da sociedade.

A estruturação das notícias e das reportagens veiculadas na televisão utiliza uma narrativa dramática, proporcionando a percepção de que o produto veiculado pelas emissoras de televisão faz parte da realidade; essa aproximação entre jornalismo e drama em geral pode acarretar restrições dos jornalistas pelo resultado final. O drama como representação da realidade é a construção da narrativa a partir de um conflito, de seus personagens e de uma ordem: início, meio e fim. Iluska Coutinho (2005) entende a dramaturgia no telejornalismo como evidências da existência de conflito narrados, formado a partir do contar uma história, especialmente o padrão ou roteiro para construção de uma reportagem com texto, som e imagem.

No telejornalismo, o componente da imagem funciona como um veículo envolvente e tem feito toda a diferença. Segundo Maria Rita Kehl (2004, p. 43) “A televisão é a mais espetacular tradução da indústria cultural”. O sensacionalismo<sup>4</sup> na construção de um fato adota aspectos representáveis da vida porque precisa despertar interesse e estimular a atenção do telespectador.

A comunicação é constantemente marcada pela espetacularização como nos programas telejornalísticos, que lembram verdadeiros shows e que são voltados à dramaturgia. Para Iluska Coutinho (2012), a estruturação das notícias e reportagens apresentadas na televisão, como uma narrativa dramática, é uma realidade no produto veiculado em nível nacional pelas emissoras de TV. Maria Lúcia Diniz (2008), também entende que o formato narrativo e suas representações constroem o território simbólico produzindo a diversidade de nossa experiência cotidiana, conquistando o telespectador pela intensidade do afeto e da manipulação de sua produção.

Nos últimos anos o telejornalismo vem buscando meios de se aproximar do público utilizando recursos do espetáculo e da dramatização, no Jornal Nacional, maior telejornal do Brasil, não é diferente a movimentação dos apresentadores no cenário, a fala informal com os repórteres, a utilização de diversas câmeras, enquadramentos e movimentos diferenciados dos tradicionais, a utilização de narrativas testemunhais e a descontração dos repórteres no ato de contar uma notícia apontam mudanças nas estratégias de comunicação. O telejornal apresenta narrativas do cotidiano que caracterizam o formato do programa, estas nos conduzem a compreensão criando vínculos com a natureza do jornalismo, cujo destaque está na espetacularização da notícia. Da mesma maneira os

---

<sup>4</sup> Sensacionalismo é a produção de noticiário que extrapola o real, que superdimensiona o fato (ANGRIMANI, 1995, p. 16).

aspectos de linguagem e forma de construção dos conteúdos apresentados como os movimentos de câmera, planos de imagem, edição e trilha sonora, são usados por esse veículo, o que estabelece uma relação de reconhecimento e identificação pelo telespectador. Com isso o objetivo deste trabalho é identificar os elementos da dramatização nas reportagens do Jornal Nacional

## **DRAMATURGIA NO TELEJORNALISMO**

Iluska Coutinho (2012) considera a dramaturgia no telejornalismo como a imitação ou encenação de ações, o que corresponde à exigência de sua construção por meio de um texto ou de um roteiro. Ela enfatiza que é a partir dessas características que se deve compreender a narrativa, como sendo uma construção textual que valoriza a estrutura e os elementos dramáticos; que no telejornalismo é composta por textos e construções narrativas associadas a conjuntos visuais e sonoros; como imagens, sons, silêncios, música e vozes, encadeados por meio da edição jornalística.

A análise dos recursos audiovisuais utilizados, da hierarquização das informações no encadeamento dos dados utilizados em cada uma das matérias exibidas, e ainda da investigação de existência de conteúdos morais em seu encerramento, definimos as características da edição de notícias veiculadas nos telejornais como de construção de um drama informativo (COUTINHO, 2012 p.15)

Os telejornais são produtos de informação que influenciam sobre a sociedade, com relevância na programação das emissoras. Na opinião de Juliana Freire Gutmann (2013), a compreensão do contexto comunicativo busca interpretar os argumentos, que são reproduzidos nos programas telejornalísticos; “pressupõe-se a existência de uma experiência comum que norteia o reconhecimento das posições dos sujeitos comunicativos e das conformações espaciais e temporais” (GUTMANN, 2013 p.32). Estas representações são como espaços fomentadores de valores morais e normativos.

Para Iluska Coutinho e Jhonatan Mata (2010), as imagens e textos alinham se e são estruturados de acordo com a estética de produção de mercadoria. O foco é reforçar a objetividade e a imparcialidade oferecidas ao telespectador. As construções das narrativas audiovisuais nos telejornais são organizadas a partir de conflitos, com a apresentação de personagens envolvidos e representação do desenvolvimento de ações.

Coutinho (2012) propõe que pensemos na forma como as histórias são

contadas com a finalidade de atrair nossa visão e audição; a linguagem dramática é uma técnica secular de prender a atenção das pessoas.

O noticiário de televisão é espaço para que experimentemos os pequenos e grandes dilemas cotidianos, emoções de anônimos e autoridades, editadas segundo uma série de características que as aproximam das narrativas de ficção, do terreno da (tele) dramaturgia (COUTINHO, 2012, p.2)

Um dos elementos importantes para a construção da narrativa dramática nos telejornais é a atuação de personagens nas reportagens; na maioria das vezes a história narrada serve para reforçar os valores morais e de conduta. Livia Oliveira (2015) aponta características da dramaturgia do telejornalismo como à representação baseada no encadeamento sistemático das ações; a existência de personagens no texto noticioso; a capacidade de desdobramento das notícias; a existência de conflitos e o fechamento com a lição de moral.

A utilização de forte carga emotiva e/ou conflitos com fatos representam mais um atrativo transformando-se em notícia, os telespectadores acompanham a realidade nacional e global como um “drama cotidiano” (COUTINHO, 2012). Desta maneira, se constrói o produto noticioso na TV, a partir de estratégias associadas à ficção na organização, encadeamento e apresentação dos fatos.

[...] se o jornalismo é a arte de contar histórias reais, na televisão essa tarefa seria cumprida com “louvor”, de modo a também mostrar o que aconteceu. Além disso, o jornalismo de televisão se distancia das regras jornalísticas previstas em outras mídias, como a abertura da reportagem, videoteipe editado no caso do telejornal, pelo que é mais importante, pelo lead. (COUTINHO, 2012, p. 10).

A dramaturgia no telejornal corresponde à construção de um texto ou roteiro com linguagem necessariamente clara de uma narrativa. Para Antônio Barros e Cristiane Bernardes, (2012) a dramatização dos argumentos, dá suporte aos juízos de valor, no senso comum, na oposição entre argumentos e no uso de símbolos e imagens que causam impacto visual e emocional no público. “A existência de uma dramaturgia como forma de construção, edição de um produto que ofereceria a informação como forma de construção, edição imagens e depoimentos”. (COUTINHO, 2012 p.3)

Para a autora, desta maneira, a dramaturgia no telejornalismo pode ser entendida como a organização da notícia em TV a partir de uma estrutura dramática. A informação seria construída por meio da imitação da ação representada por imagens e depoimentos exibidos com a presença de conteúdos morais e os papéis desempenhados

pelos atores presentes nas notícias. O tom emocional também pode ser apontado como um aspecto característico de aproximação entre o público e o telejornal (COUTINHO, SCHLAUCHER; 2013).

Para Coutinho (2012), os desencadeamentos das ações passam, pela compreensão e reconhecimento do enredo, pelos envolvidos. Esta é a representação do mundo, tendo como perspectiva o realismo mimético ou o estabelecimento de um universo autônomo. Desta maneira a noção de dramaturgia do telejornalismo compreende além dos aspectos de encenação e do caráter espetacular da atuação de seus profissionais, a organização das reportagens editadas, em texto e imagem, de forma a oferecer ao telespectador o desenrolar das ações, vividas e experimentadas por meio da atuação de diferentes personagens em cena.

A utilização dos recursos audiovisuais de sobre som ou abre áudio e vinhetas<sup>5</sup> podem ser considerados como a representação, ou imitação, do canto como elemento integrante da receita dramática. Desta maneira, a televisão constrói uma realidade, de códigos sociais, culturais, psicológicos em forma de espetáculo. Os telejornais reúnem um conjunto de fatos construídos com a coleta de imagens, redação de texto. A uma representação da realidade, podem ser entendidos como “imitações das ações” que nos são transmitidos. Esse sentido de imitação remete às definições de Aristóteles<sup>6</sup>, abrangendo um conflito que se desenvolveria na busca de sua resolução com a participação de personagens.

Os telejornais apresentam narrativas do cotidiano que caracterizam o formato do programa, estas nos conduzem a compreensão criando vínculos com a natureza do jornalismo, cujo destaque está na espetacularização da notícia. Da mesma maneira os aspectos de linguagem e forma de construção dos conteúdos apresentados como os movimentos de câmera, planos de imagem, edição e trilha sonora, são usados por esse veículo, o que estabelece uma relação de reconhecimento e identificação pelo telespectador.

### **A Dramaturgia nas reportagens do JN**

A escolha do corpus da pesquisa se deu em função do papel da utilização dos elementos da dramatização presentes no *Jornal Nacional*, foram estudadas 53 reportagem, 22 notas cobertas, 20 notas peladas e 19 *links*, com a média de tempo das

---

<sup>5</sup> Marca a abertura ou intervalo do telejornal, também pode ser compreendido como um discurso estratégico do programa. (COUTINHO; BARA, 2011)

<sup>6</sup> “todo drama envolve igualmente espetáculo, caráter, fábula, falas, cantos e idéias” (COUTINHO 2012, apud Aristóteles, 1996)

edições de 41 minutos e dois segundos; entre os dias 27 de abril a 1º de maio de 2015.

A reportagem escolhida para a análise deste trabalho foi sobre o estado de conservação da rodovia Transamazônica. Matéria exibida pelo *Jornal Nacional* na quarta-feira, 30 de abril de 2015. A escolha foi em função da reportagem apresentar elementos da dramaturgia mais evidentes. Para a produção deste trabalho, foi gravada e transcrita edição com isso formulou-se a hipótese de que o telejornal utilizou técnicas de dramatização na produção. Serão identificados nos textos e imagens da reportagem os elementos da dramaturgia como a encenação de ações, construções narrativas associadas a conjuntos visuais e sonoros.

A edição do *Jornal Nacional* do dia 30 de abril de 2015 apresentou 09 reportagens. Com a média de tempo de 1 minuto e 57 segundos. Abordando assuntos nacional, internacional, e pesquisas relacionadas à saúde. A reportagem sobre a rodovia Transamazônica teve a duração de três minutos e 13 segundos, nela o repórter Fabiano Villela, apresenta o estado de conservação e a história da rodovia transamazônica, que 40 anos após sua parcial construção metade dela ainda não recebeu asfalto.

Repórter (off) - Pegar a Transamazônica, no sudoeste do Pará, é como pilotar no deserto. Ou em uma trilha no meio da mata, cheia de buracos e pontes precárias. E quando você acha que nada pode ser pior.

Repórter Fabiano Villela (passagem) - a viagem foi interrompida, aqui, no quilômetro 211 da Transamazônica, entre os municípios de Rurópolis e Placas. Nenhum veículo consegue passar. A explicação está bem na frente: uma carreta e um ônibus atolados.

Entrevista - “Água é o que a gente ganha dos outros. Passa um dá água, passa outro arruma ou vai buscar. E a comida vai acabando”.

Repórter Fabiano Villela (passagem) - eu to pisando na pista e olha só até onde chegou a camada de lama tem mais de um metro. E só quando faz sol e a estrada começa a secar é que os veículos mais pesados conseguem passar sem a ajuda dos tratores.

Repórter (off) - Com a rodovia nesse estado, também sobrou para a equipe do *Jornal Nacional*.

Repórter Fabiano Villela (passagem) – das cinco para as nove da noite, a gente está tentando voltar para Altamira, só que não consegue seguir viagem por causa de um atoleiro que se formou aqui na transamazônica e ai ninguém consegue passar. Está tudo cheio de lama.

Nota pé (Bonner) - O Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes informou que as obras nas rodovias citadas não estão paralisadas. E que os repasses estão ocorrendo de acordo com a programação do órgão. O Denit explicou ainda que as obras entram em ritmo mais lento no período de chuvas na região Norte, de dezembro até mais ou menos maio. E que o ritmo aumenta na estiagem, a partir de junho. (*Jornal Nacional*, 30/04/2015)



No telejornalismo, a componente imagem funciona como um veículo envolvente e tem feito toda a diferença. “A televisão é a mais espetacular tradução da indústria cultural” Kehl (2004, p. 43). O modo sensacionalista de construção de um fato adota aspectos representáveis da vida porque precisa despertar interesse e estimular a atenção do telespectador. Assim como na edição do dia 30 de abril, o editor selecionou fragmentos das gravações de imagens de uma rodovia “sem estrutura alguma”, estradas de barro, sem asfalto, buracos, barrancos, carros e caminhões atolados como pode ser observado nas imagens selecionadas no quadro 01.

QUADRO 01: Imagens Jornal Nacional, 30 de abril 2015.



Fonte: imagens do telejornal

Juliana Tonin (2007) comenta que toda a realização da condição humana no espetáculo o degenera, como exemplo da reportagem que apresenta imagens de ausência de infra estrutura em uma das mais importantes rodovias brasileiras, os comentários de um dos entrevistados dizendo que “Água é o que a gente ganha dos outros. Passa um dá água, passa outro arruma ou vai buscar. E a comida vai acabando”, o que caracteriza a falta condições e estrutura em uma das mais importantes rodovias brasileiras.

Para Coutinho, a “construção textual que valoriza a estrutura é o elemento dramático” (2012, p.107); nesse sentido a ação se constrói por meio da representação convertida em um texto, como no caso da reportagem sobre sinalização da reportagem a população o descaso com uma importante rodovia brasileira, na qual seu primeiro trecho foi inaugurado em 1972, durante o governo militar, mas 43 anos depois metade da

Transamazônica ainda não recebeu asfalto, o descaso com os usuários da via que encontram buracos, atola e não tem infraestrutura, observaremos os textos e construções narrativas presentes na imagem, nas “falas” de repórteres e entrevistados, nos sobe som e nos encadeamentos de todos esses elementos por meio da edição.

O *Jornal Nacional* utilizou de sensacionalismo ao apresentar cenas de ponte quebrada, carros e caminhões atolados; provavelmente a equipe do telejornal buscou aumentar a audiência dos programas com reportagens sensacionalistas. Luiz Motta (2002) entende que esta estratégia não deixa de ser relatos plenos de verossimilhança, pois o compromisso com a história, que lhes confere credibilidade para continuar contando e repetindo os temas lhes assegura a legitimidade para instalar-se como fonte de informações.

Como foi apresentado na nota pé, desta reportagem “O Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes informou que as obras nas rodovias citadas não estão paralisadas. E que os repasses estão ocorrendo de acordo com a programação do órgão. O Denit explicou ainda que as obras entram em ritmo mais lento no período de chuvas na região Norte, de dezembro até mais ou menos maio. E que o ritmo aumenta na estiagem, a partir de junho.”, utilizando informações oficiais para ratificar as informações apresentadas.

Para Coutinho (2006), a noção de dramaturgia do telejornalismo compreende para além dos aspectos de encenação e do caráter espetacular da atuação de seus profissionais; a organização das matérias editadas, em texto e imagem, de forma a oferecer ao telespectador o desenrolar das ações vividas. O tom emocional dos textos garante o apelo do espetáculo noticiado, como foi o caso de uma das passagens do repórter quando a equipe ficou atolada, a entrevista com um motorista que estava atolado e ficara sem abastecimento de água e alimentos.

Para Teresa Cristina Neves (2005), a dramatização aplicada à informação telejornalística serve como documentação visual capaz de enriquecer a palavra oral e ampliar o interesse do telespectador a partir do que é noticiado. Além da espetacularização, a reportagem ainda envolve elementos da dramaturgia, que segundo Coutinho (2012, p.105), forma o drama que pode ser entendido como a “imitação ou a encenação das ações que corresponderia sua construção por meio do texto ou roteiro”. O drama é como uma “fábula”, entendida pela combinação de atos, falas dos repórteres, imagens de atoleiros, estradas interditadas e entrevistas.

Para Jhonatan Mata (2013), as ações dos personagens e ainda a oferta da



mensagem “moral” são componentes de uma narrativa dramática. Estas trazem em si conexões, na medida do possível, utilizam-se da estória narrada para reforçar valores morais e de conduta. Como exemplificado na reportagem a ação da população para auxiliar os veículos atolados, a distribuição de suprimentos para os caminhoneiros que estão parados.

Nesta reportagem os textos, sobre a rodovia Transamazônica, aliados as imagens apresentadas, desencadeiam a dramatização na passagem do repórter “a viagem foi interrompida”, “camada de lama tem mais de um metro”, assim como as imagens do quadro 07, o que possibilita sensibilizar o espectador para as dificuldades dos usuários da estrada e para que as autoridades tomem as devidas providencias para viabilizar uma das mais importantes rodovias brasileiras.

Segundo Rosa Pedroso (2001, p. 51) “o sensacionalismo é a exploração pelo extraordinário, pelo desvio, pela aberração”, assim como as imagens de ponte quebrada, carros e caminhões atolados, estradas sem asfaltos e barrancos na beira das estradas, além dos comentários do repórter “é como pilotar no deserto. Ou em uma trilha no meio da mata, cheia de buracos e pontes precárias. E quando você acha que nada pode ser pior” são outras maneiras de “chocar” através do drama.

Coutinho entende que a organização do discurso é o modo de ver a partir da relação entre a existência do conflito narrativo como núcleo fundamental da reportagem, na qual apresenta um problema, que espera uma solução, como nos comentários da repórter “Pegar a Transamazônica, no sudoeste do Pará, é como pilotar no deserto. Ou em uma trilha no meio da mata, cheia de buracos e pontes precárias. E quando você acha que nada pode ser pior: a viagem foi interrompida no quilômetro 211 da Transamazônica, entre os municípios de Rurópolis e Placas. Nenhum veículo consegue passar” e na nota pé “O Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes informou que as obras nas rodovias citadas não estão paralisadas. E que os repasses estão ocorrendo de acordo com a programação do órgão”.

### **Considerações finais**

Esta pesquisa analisou no *Jornal Nacional*, a partir da dramatização de Iluska Coutinho na reportagem sobre o estado de conservação da rodovia Transamazônica, no dia 30 de abril de 2015. O método de comunicação é entendido como processo discursivo e os sentidos são produzidos em cada ato verbal; as relações sociais são o lugar de produção do sentido.

Na maioria dos conteúdos apresentados pelo programa encontramos elementos característicos do drama, como a encenação de ações, construções narrativas associadas a conjuntos visuais e sonoros, buscando aproximar o público a partir dos fatos que também poderiam ter acontecido com qualquer espectador. Além disso, os personagens estavam com as emoções afloradas, o que provavelmente a equipe de edição objetivava atingir e sensibilizar quem assiste.

É a partir dos conflitos narrados que evidenciamos nos telejornais apresentados a dramaturgia, no qual o texto e a edição das reportagens se estruturam e se organizam. Ao mesmo tempo a espetacularização das relações sociais se dão cada vez mais mediadas por imagens espetaculares. Essa tendência ganha força com as imagens que nos são apresentadas pelos meios de comunicação. Assim é importante ressaltar que a reportagem analisada apresenta elementos da dramaturgia em detrimento do show e do espetáculo.

Como visto na reportagem os elementos da dramaturgia como encenação de ações, quando o repórter aparece em uma passagem pisando em um atoleiro; a construções narrativas associadas a conjuntos visuais e sonoros, como o exemplo apresentado no final da reportagem o atolamento da equipe do telejornal, sons de carros, caminhões e tratores acelerando, sem contar os comentários do repórter “Está tudo cheio de lama. O carro só conseguiu passar porque foi puxado por um caminhão” a edição utilizou –se de recursos do drama para aproximar-se e criar a sensação de intimidade com seu público.

## REFERÊNCIAS

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

BARROS, Antonio Teixeira de; BERNARDES, Cristiane Brum. Identidade e programação das emissoras de televisão do campo público: estudo comparativo de quatro canais federais brasileiros. **Alceu** (PUCRJ), v. 12, p. 180-203, 2012.

COUTINHO, Iluska Maria da Silva. **Dramaturgia do telejornalismo**: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora-MG. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

\_\_\_\_\_. **Celebração no telejornalismo local: a festa de N.Sra.Aparecida na TV em Juiz de Fora**. In: IX Celacom, 2005. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/GT7%20-%200004.pdf>> Acesso em: 21 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. Telejornal e narrativa dramática: um olhar sobre a estrutura da informação em TV. **Telejornalismo - a nova praça pública**. Florianópolis: Editora Insular. 2006: 99-124.

COUTINHO, Iluska; BARA, Gilze. As festas juninas em capítulos noticiosos: as tentativas de enquadramento da cultura popular em séries de reportagens do Jornal Nacional. **Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional**, Ano 15 n.15, p. 147-160 jan/dez. 2011.

COUTINHO, Iluska Maria da Silva; MATA, Jhonatan. **Telejornalismo, Juventude e Representação**: quais formatos e narrativas dialogam com os novos telespectadores? In: BARBOSA, Marialva; MORAIS, Osvando (Orgs.). Comunicação, cultura e juventude. São Paulo: Intercom, 2010. p. 247-246.

COUTINHO, Iluska Maria da Silva; SCHLAUCHER, Bárbara Garrido de Paiva. O “drama cotidiano” na era da convergência midiática: uma análise do quadro “Jovens do Brasil” a partir do conceito metodológico de Dramaturgia do Telejornalismo. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **Anais... XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Manaus, AM – 4 a 7/9/2013**. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1499/971>> Acesso em: 02 mai. 2015.

DINIZ, Maria Lucia. Do fato ao acontecimento: tensividade em reportagem telejornalística. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 15, jun. 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1106-1.pdf>> Acesso em: 21 jun. 2015

GUTMANN, Juliana Freire. Contexto comunicativo: pensando um operador para análise de estratégias comunicativas no telejornalismo. **Rumores**. 14, 7, jul-dez, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/69428>> Acesso em: 15 mar. 2015.

KEHL, Maria Rita. **O espetáculo como meio de subjetivação**. In: BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. Videologias: ensaios sobre a televisão. São Paulo: Bomtempo, 2004.

MATA, Jhonatan. O telejornal entre o bem e o mal. **Revista Brasileira de História da Mídia**. v.2, n.2, jul – dez. 2013.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Explorações epistemológicas sobre uma antropologia da notícia. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, n.19, p. 65-80, dez. 2002.

NEVES, Teresa Cristina da Costa. A dramatização no telejornalismo. **Caligrama** (São Paulo. Online), v.1, n.3, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/caligrama/article/view/56696/59725>>. Acesso em: 24 set. 2015.

OLIVEIRA, Livia Fernandes. O Telejornalismo e a luta por reconhecimentos: Como as narrativas midiáticas podem atuar na autonomia ou não dos sujeitos. **Leituras do Jornalismo**. 02, n. 03, Jan Jun. 2015. Disponível em: <<http://www2.faac.unesp.br/ojs/index.php/leiturasdojornalismo/article/view/52/48>> Acesso em: 15 mar. 2015.

PEDROSO, Rosa Nívea. **A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista**. São Paulo: Annablume, 2001.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. **Afinal o que é notícia? Repensando um conceito essencial para o jornalismo**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 9, 2011, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos... Rio de Janeiro: Eco – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <[http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/9encontro/CL\\_10.pdf](http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/9encontro/CL_10.pdf)>. Acesso em: 5 abr 2015.

TONIN, Juliana. **A imagem em Guy Debord**. In: GUTFREIND, Cristiane Freitas e Machado, Juremir. *Guy Debord: antes e depois do Espetáculo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

VARGAS, Heidy. **A bancada do Jornal Nacional já não é mais a mesma: reflexões acerca da mise-en-scène na apresentação**. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro. 4 a 7/9/2015. Disponível em: < <http://intercom.org.br> > Acesso em: 08 set 2015.